



**TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: UMA METODOLOGIA DA
MATEMÁTICA NA CRIAÇÃO DE UM COMPONENTE CURRICULAR DE
LEITURA EM UM SEMINÁRIO EM FORTALEZA/CEARÁ**

Tiago dos Santos Salgado¹
Rodrigo Santos de Andrade²
Ana Paula Silva de Almeida Sousa³
Haiani Larissa de Souza Mendes⁴
Maria José Costa dos Santos⁵

Resumo: Este trabalho é sobre a criação de uma ementa para um Seminário em Fortaleza/CE, a qual subsidia o desenvolvimento de habilidades, competências leitoras e formação de sujeitos analíticos no contexto evangélico. Justifica-se porque estudantes leem em média 750 a 1000 laudas por disciplina. Propôs-se como metodologia das aulas a Sequência Fedathi - SF. A pesquisa foi bibliográfica com viés exploratório e documental. A análise focou no material para a produção da ementa. Pesquisa básica, qualitativa de procedimentos explicativos e exploratórios. Norteia-se no que é necessário aprender em uma disciplina de leitura e na mediação do professor facilitando o processo epistêmico. Fulcro para o ensino de leitura, pois o estudante faz previsões e testa hipóteses. Com ciclo de leitura se tece uma rede cognitiva de conceitos, soluções e abordagens que entrelaçam e fazem crescer o diálogo do professor mediador e alunos. Haver monitores também é essencial ao êxito dos cursistas recém-ingressos, disciplina obrigatória no primeiro semestre diminuindo a evasão. A partir dos grupos de estudo e leitura reduz-se a distância entre ensino, pesquisa e extensão pilares da academia. A literatura complementar presente na ementa aprofunda as temáticas vistas em sala e propõe à discussão novos saberes, olhares e processos sobre a leitura. A SF é basilar ao aplicar a lógica-filosófica e o pensamento matemático no ensino de Leitura, proporcionando um modelo interdisciplinar de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Ementa. Sequência Fedathi. Disciplina de Leitura. Ensino Superior. Teologia.

Introdução

Este estudo parte da experiência de criação de um trabalho monográfico em um Seminário Teológico em Fortaleza, no estado do Ceará. Tem como objetivo expor respeitando o sigilo da pesquisa como foi criar o conteúdo programático de uma disciplina de leitura, por intermédio da proposição de uma ementa ou *syllabus*.

Chegamos a perceber esta necessidade a partir da observação de que já havia na instituição uma disciplina voltada para a metodologia científica e outra acerca de produção textual no bacharelado. Porém, é exigido de um seminarista que leia uma grande quantidade de textos para além da Bíblia, e percebemos que estes em grande parte chegam

ao Ensino Superior despreparados, pois não leem de modo funcional e apresentam dificuldades para escrever.

Partindo deste pressuposto, demonstramos esta ementa, bem como a literatura e a escolha dos textos basilares para compô-la. Trabalho este de viés educacional e religioso, ou seja, um tema transversal na educação, e que geralmente não é muito comum na academia.

Porém, bastante enriquecedor, tendo em vista que a crença é um elemento essencial na sociedade e que falar de Deus é falar daqueles que nele acreditam. Aliamos ao lema do Seminário ao qual nos norteamos: *Excelência Acadêmica e Maturidade Espiritual*.

Como metodologia além da revisão bibliográfica, trazemos também a proposta do uso da Metodologia de Ensino Sequência Fedathi, a princípio, pensada somente para o ensino da matemática por seu criador, Borges Neto (1996). No entanto, percebemos que este elemento didático tem um viés educativo que extrapola os propósitos do pesquisador matemático para todas as demais ciências por meio da educação.

2 A origem teológica da comunicação

O homem é um ser criado por Deus para estar em sociedade, e seu principal atributo está na capacidade de comunicar-se, seja de forma oral, escrita ou não-verbal. A linguagem, anterior a própria criação, ressoa e se faz presente em todo ato comunicativo, fazendo parte do fôlego de vida dado ao homem pela divindade.

A comunicação, seja por meio da leitura ou da escrita, tem como um de seus objetivos trazer um conhecimento holístico do mundo. Assim temos: “Lembremos a recomendação de Bacon ao leitor: Leia, não para contradizer ou refutar, nem para acreditar ou aceitar como verdade indiscutível, nem para ter assunto para conversa e discurso, mas para pensar e considerar.” (Adler; Doren, 1990, p. 117, *apud*, Medeiros, 2023, p.1).

Na epístola de João Capítulo 1:1-3, o apóstolo afirma que, no princípio, antes de serem criadas todas coisas, era o Verbo, ou, como, alguns prefiguram, ‘*a palavra geradora*’, e o Verbo era Deus, e o Verbo estava com Deus. Não sendo coincidência este intercâmbio da palavra Verbo, que se repete três vezes referindo-se a que o Deus triúno era constituído por três naturezas distintas e pessoais, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo,

e possuem a forma primeva e mais aperfeiçoada de comunicação, dádiva conferida a humanidade.

Nesse sentido, a partir de uma percepção criacionista não somos fruto de um aglomerado de substâncias orgânicas, coacervados, que, ao longo de milhares de anos, se agruparam e se aperfeiçoaram, evoluindo de seres unicelulares para seres pluricelulares, se complexificando para os organismos que somos hoje, conforme algumas teorias vigentes que contrariam o teísmo. Porém, acreditamos que as ciências e a Teologia andam juntas, assim, defendemos a teoria do design inteligente.

Em oposição a isto, temos que o Deus judaico-cristão criou todas as coisas em seis dias e, no sétimo, descansou, portanto, devemos também ter momentos dedicados ao lazer, contemplação e por que não, ao descanso?

Essas implicações somente serão verdadeiras se considerarmos a abordagem da interpretação das Escrituras de modo literal, histórico, teológico e gramatical. Sabendo que os escritos originais já não existem, ou seja, em uma perspectiva de que os autógrafos foram destruídos com o tempo, apoiamo-nos em cópias e nos estudos arqueológicos que foram responsável pelo encontro dos manuscritos de *Qumran*, no Mar Morto, na *septuaginta*, entre outros, que nos levam a perceber que a terra é bem recente, teoria da Terra Nova, contrastando com a teoria científica da terra antiga, devido a uma interpretação da datação do elemento Carbono, por exemplo, e não houveram tantas eras geológicas quanto alguns acreditam.

Estas ideias são apresentadas por nós não para criar atrito com pensamentos divergentes do nosso, mas somente para apresentar múltiplas visões, teorias e possibilidades que são estudadas em um seminário.

2.1 A comunicação e a humanidade

A Divindade, desde quando só havia o vazio, já possuía volição e consciência, criando tudo por intermédio de sua ‘palavra geradora’, ou seja, a linguagem com maior potência do existir, a toda palavra. O Verbo, que um dia viria a ser carne para que o ser humano pecaminoso pudesse vir a ser mais novamente, não como outrora no jardim, mas como ser redimido, o qual vive eternamente para glorificar a Deus.

Assim, ao sermos seres criados à imagem e semelhança de Deus, também somos comunicativos, porque Deus Pai, Filho e Espírito Santo também interagiam entre si por intermédio da linguagem.

O famoso trecho das Escrituras em Gênesis ‘façamos o homem à nossa imagem e semelhança’ gera uma série de interpretações possíveis. Porém, a Bíblia é inspirada, palavra viva, atemporal e suficiente, oriunda do Deus que comanda todas as coisas, demonstrando sua soberania.

A partir do exposto, o escritor de Gênesis não usaria um termo no plural para se referir ao Altíssimo sem ter conhecimento do Ser; ele manteve um íntimo relacionamento com Deus para elaborar tal Escritura por meio do Espírito Santo e, ainda, foi por meio da escrita que Deus decidiu deixar sua mensagem de salvação para a humanidade perpassada pelo pecado. Logo, imperfeita.

Temos, portanto, o homem que realiza interações sociais por meio da fala e da escrita, que possui diversos idiomas com os quais se comunica desde a divisão das línguas na torre de Babel. As quais são um conjunto de códigos articulados, organizados e sistematizados, dada ao homem pelo próprio Deus para sua comunicação pessoal com Ele e com os outros seres humanos.

Ao lermos as Escrituras, escrevermos, proclamarmos a mensagem de salvação etc., estamos fazendo uso da língua e, em um plano maior, da linguagem; com isso, glorificamos ao Criador. Mas, na contemporaneidade, as tecnologias fazem com que as pessoas, em sua maioria, dispersem facilmente sua atenção, não optando por ler livros em detrimento de outros entretenimentos.

Muita gente, hoje em dia, acha que a leitura já não é tão necessária quanto foi no passado. O rádio e a televisão acabaram assumindo as funções que outrora pertenciam à mídia impressa, da mesma maneira que a fotografia assumiu as funções que outrora pertenciam à pintura e às artes gráficas. Temos de reconhecer – é verdade – que a televisão cumpre algumas dessas funções muito bem; a comunicação visual dos telejornais, por exemplo, tem impacto enorme. A capacidade do rádio em transmitir informações enquanto estamos ocupados – dirigindo um carro, por exemplo – é algo extraordinário, além de nos poupar muito tempo. No entanto, é necessário questionar se as comunicações modernas realmente aumentam o conhecimento sobre o mundo à nossa volta. (Adler; Doren, 2010, p.25)

As tecnologias digitais têm prejudicado a venda de livros físicos e, logo, a leitura, assim como também a leitura bíblica, já que a mesma é o livro mais vendido desde a criação da imprensa tipográfica.

Nesse sentido, o conhecimento livresco e de mundo do homem foi abalado. As tecnologias digitais contribuíram para isso, mas também não podemos rechaçá-las, pois nunca se leu tanto e escreveu na história como agora. O que se questiona aqui é qual a qualidade dessa escrita e dessa leitura, e o uso que dão a forma normativa da língua.

Ora, a arte é um processo exigente. A norma culta é um modo de padronização que une e exclui concomitantemente, sempre que possível, deve estar presente em textos de não-ficção. O preço é grande parte da própria vida, nem mais, nem menos. O que o escritor vive não tem um fim em si, tudo é sugado vorazmente pela escrita, não de modo literal, e também não necessariamente por meio de fatos reais ou memórias pessoais. A própria vivência ultrapassa barreiras temporais e a escrita mexe com nosso entendimento e compreensão. (Lage, 2013).

A escrita é um processo solitário que exige não somente da própria vida, mas requer silêncio, outras vezes, música, barulho e a capacidade de argumentação singular, uma labuta que é o resultado de uma mente perspicaz.

Conforme Zinsser (2021, p.11), “Ninguém mostrou aos novos escritores de computador que a essência do escrever é reescrever.” E, nisso, são publicadas e consumidas obras de qualidade literária e conteúdos duvidosos todos os dias pelas novas gerações.

Por sermos curiosos e estudantes, não pretendemos aqui esgotar esse assunto, o qual abre margem para falarmos de som e silêncio, do meio ou canal comunicativo, dentre outros, pois toda a criação se comunica na expectativa de ser novamente perfeita aos olhos do Altíssimo.

3 As partes que compõem uma ementa: um guia para graduandos

Partimos do pressuposto que esta disciplina, ao ser aplicada, conterà 4 créditos o que corresponde a 64 horas/aula. Será ministrada por um professor da área de linguagem e códigos da instituição, sendo ofertada a cada semestre.

Baseamo-la nos pilares Ser, Fazer e Saber (Veras, 2019), os quais objetivam que o aluno cursista de modo holístico desenvolva competências e habilidades leitoras para além do seminário, que propiciem, ao fim do semestre, um novo estilo de relação com o texto e o objeto livro. Então, por que não se utilizarmos da Educação Matemática para este fim?

Na ementa criada será cobrada a leitura de seis livros textos durante o semestre, sendo um de literatura à escolha do aluno.

Além de provas, atividades e literatura complementar, haverá alguns acordos entre o professor e a turma. Na quadro1, demonstra-se o modelo de disciplina e ementa proposto:

Quadro 1: Ementa propriamente dita.

CURSO DE TEOLOGIA CALVINO		
Syllabus – Ementa acadêmica		
Graduação do Centro de Humanidades, Filosofia e Religião		
Disciplina: Leitura e compreensão textual	Ano e semestre: 2025.1	
1º Semestre	Professor: Z EMAIL: ... e Whatsapp (opcional)	
Pré-requisitos: Estar no 1º semestre de Teologia Ministerial. (Este componente curricular deve ser cursado antes da Disciplina de Produção de textos).		
Ementa		
Estudar teorias do campo da leitura hoje.		
Objetivos		
Saber	Ser	Fazer
1) Aprender sobre o plano de Deus para nós a partir da leitura; 2) Compreender que a leitura facilita o desenvolvimento holístico na aprendizagem de novos saberes e assim de uma cosmovisão abrangente acerca das coisas existentes; 3) Conhecer processos de letramento desde o período do letramento/educação básica até o modo como textos acadêmicos no Ensino Superior se organizam.	1) Ser um aluno participativo na sociedade; 2) Desenvolver uma percepção de estruturação do texto e dos diferentes processos de leitura; 3) Ser consciente de que existem métodos e estratégias para a melhor compreensão de um texto.	1) Realizar a leitura dos livros-texto da disciplina; 2) Participar das aulas expressando opinião sobre os temas abordados; 3) Desenvolver o hábito de ler a bíblia diariamente; 4) Apresentar o resultado da leitura semanal; 5) Escolher um livro de literatura para ler no decorrer do semestre.
Livros-texto		
ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. <i>Como ler livros: O guia clássico para a leitura inteligente</i> . São Paulo: É realizações, 2010. COSSON, Rildo. <i>Círculos de leitura e letramento literário</i> . São Paulo: Contexto, 2017. FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. <i>Entendes o que lês?</i> 3ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. KLEIMAN, Ângela. <i>Oficina de leitura: Teoria e prática</i> . 16ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. SOLÉ, Isabel. <i>Estratégias de leitura</i> . 6ed. Porto Alegre: Penso, 1998. *Obs: um livro literário a escolha do aluno.		
Provas e atividades		
As atividades avaliativas consistem na leitura da bibliografia básica, as quais terão que ser realizadas e confirmadas a partir de 1 fichamento, 2 resenhas e 2 resumos distribuídos ao longo do semestre. E, a partir, da participação do aluno em sala. A média será resultado de frequência, participação em sala e entrega de atividades.		
Avisos		
1) Frequência e assiduidade devem ser observadas para o acompanhamento e compreensão das atividades realizadas, podendo o aluno ter até 4 faltas justificadas. 2) A chamada será realizada após 20 min do início das aulas. 3) Em caso de atrasos, o aluno precisará comunicar ao professor com antecedência o motivo do não cumprimento da atividade.		
Cronograma		
1. Aula inaugural: Introdução e exposição do conteúdo do curso. 2. O que é ler? 3. Como lemos para a glória de Deus. 4. O processo de leitura em uma perspectiva interativa. 5. Letramento Literário. 6. Formação de círculos de Leitura. 7. O ensino de leitura 8. A leitura na escola 9. A leitura na Universidade		

10. Conhecendo os gêneros acadêmicos
11. Explorando a ficção
12. Os Níveis de Leitura – Parte 1
13. Os Níveis de Leitura – Parte 2
14. Conclusão sobre a leitura hoje – Aspectos e percursos da disciplina
15. Entrega das atividades e Avaliação Final.

Bibliografia Complementar

- BAJUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.
- BRISTOL, Brian. **Por que amamos ler?** São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**. 12ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- NETO, Hermínio et al.(Org.). **Sequência Fedathi**: uma proposta para o ensino de matemática e ciências. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2017.
- VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** São Paulo: editora vida, 2005.
- VERAS, Valberth. **Intensamente**: um manual para a vida intelectual. Eusébio, CE: Peregrino, 2019.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

Fonte: Pesquisa Direta (2025.2).

4 A Metodologia, a Sequência Fedathi: uma sequência metodológica da Matemática no Ensino de Leitura

A pesquisa será de cunho bibliográfico, a qual, segundo Marconi e Lakatos (2003, p.183), tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.” E ainda, para a escolha dessa abordagem, apoiamos- nos também em Motta-Roth (2003) a qual afirma:

A pesquisa exploratória pode ser definida como bibliográfica e documental. Nesse caso, a metodologia envolverá o procedimento de levantamento da bibliografia e os documentos referentes ao problema em questão[...] O material de análise ou o corpus da pesquisa poderá compreender, portanto, a literatura estatística, as correspondências, as fotos e gravações em áudio e vídeo de pessoas envolvidas na questão. (Motta-Roth, 2003, P.72)

Conforme já mencionado, delinea-se metodologicamente como uma pesquisa básica, de aporte qualitativo, de procedimentos explicativos. Sobre o estudo de caso Triviños (1987) reforça que se trata de uma categoria de pesquisa em que o objeto de estudo passa por uma profunda análise, assim, espera-se trabalhar fortemente com a compreensão dos princípios, concepções e premissas nesse estudo (Santos, 2024).

Da pergunta norteadora baseamo-nos em que os alunos realmente necessitam aprender em uma disciplina de leitura e como o professor pode facilitar e mediar este processo.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor fará uso do procedimento metodológico Sequência Fedathi, criada pelo professor Borges Neto, a fim de desenvolver um processo colaborativo entre o docente, o aluno e seus pares.

4. Resultados e discussões

A Sequência Fedathi foi, inicialmente, pensada para o Ensino de Matemática, mas fez-se notório, com o tempo, que esse processo atravessa as aulas de qualquer área do saber, desde que o professor facilitador e mediador tenha plena ciência dos conteúdos abordados e como essa metodologia de ensino perfaz um caminho que ocorre de modo síncrono e assíncrono, e se divide em quatro etapas a saber: a tomada de posição, a maturação, a solução e a prova.

O aluno deve reproduzir os passos que um cientista ou matemático realizam quando se debruçam sobre seus ensaios: aborda os dados da questão, experimenta vários caminhos que possam levar à solução, analisa possíveis erros, busca conhecimentos para constituir a solução, testa os resultados para saber se errou e onde errou, corrigir-se e tentar montar um modelo esquemático de solução para problemas semelhantes, interagindo com seus pares, com o professor facilitando seu próprio processo epistêmico, o que o leva a ter mais autonomia que em uma aula tradicional.(Souza, 2013).

Assim, é aplicada a SF em uma aula de ensino de leitura, já que o aluno inicia fazendo previsões, ilações e testando hipóteses que podem ou não serem confirmadas após um exame mais crítico e acurado da obra que será estudada.

Para isso, a formação de ciclo de leituras é essencial, pois tece-se uma rede de soluções e abordagens que se entrelaçam e fazem crescer o diálogo entre o professor facilitador e mediador e dos alunos com seus pares, de tal modo que o professor também aprofunda seus conhecimentos sobre a temática.

“Entendemos que a importância da reprodução desse ambiente na sala de aula ocorra pelo fato de possibilitar ao aluno a elaboração significativa de conceitos, mediante a solução de problemas, cujas produções serão o objeto sobre o qual o professor vai conduzir a mediação a fim de levá-lo a constituir o conhecimento em jogo.” (Souza, 2013, p.18).

Assim, o professor levanta um problema, por exemplo, o que é leitura? Quantos livros de ficção vocês leem por ano? Ou mesmo, o que é ficção? Neste sentido, os alunos procurarão explorar os questionamentos, gerando possíveis soluções.

Aluno 1: - Não leio nada, somente o que é obrigatório.

Aluno 2: - Como assim? Leio livros, mangás e quadrinhos.

Aluno 3: - Leio pouco.

Então, após discutirem entre si, podem optar por perguntar ao professor: - É o que o aluno 2 respondeu? O professor aproveita este momento para, de forma 'subjéitiva', responder: ficção é arte, é vida, é o que nos representa. Visando que o aluno possui um conhecimento anterior, e por meio de suas respostas ocorre 'o jogo', é aberto um diálogo que possibilitará vários *insights*; com isso, novas respostas surgirão.

Hipóticamente, o aluno pode responder: - Então, aquela afirmação de que arte imita a vida está correta? Esse processo continua até que o professor e a turma percebam que encontraram uma resposta adequada.

Nesse sentido, cada etapa gera um resultado. Nem todos conseguirão respostas prontamente, mas alcançarão um grau de autonomia maior ao longo do semestre que no ensino tradicional.

Assim, dependendo das variáveis em jogo, o professor pode realizar o diagnóstico de cada etapa e aula, estruturando novos componentes em seus planejamentos para o próximo encontro, até que estejam com os conceitos pertinentes ao ensino formal consolidados e prontos para a prova.

Segundo, Souza (2013, p.22), “[...] à proporção que o professor apropria da teoria e de sua aplicação como uma nova metodologia de trabalho. O planejamento será uma condição *sine qua non* para que se consiga produzir os resultados esperados.” A princípio o professor faz perguntas para nortear os alunos, porém eles têm a liberdade de sugerir o que pensaram como resposta e trabalhar de maneira colaborativa.

O uso de uma linguagem acessível se faz necessário; no entanto, deve-se buscar um equilíbrio, já que o professor conhece os termos técnicos da área do saber específico, os quais, com o tempo, os alunos devem se tornar também detentores.

Durante a maturação do problema, o professor busca estar atento aos alunos, observando e acompanhando seus comportamentos, interesses, medos, atitudes, raciocínios, opiniões e estratégias aplicadas na análise e caminhos encontrados para a solução da atividade, bem como suas interpretações e modos de pensar, a fim de perceber

quando e como mediar o trabalho que os alunos estão desenvolvendo. (Souza, 2013, P.32).

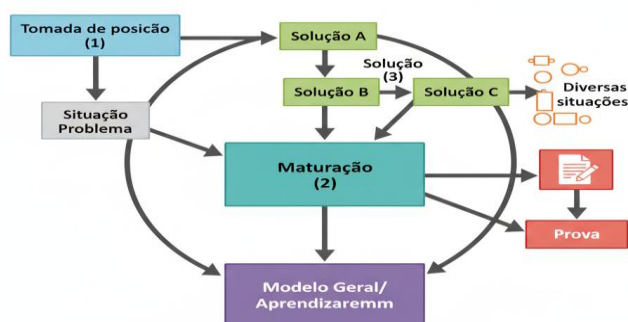
Figura 2: Ensino Tradicional



Fonte: Autoria própria

No Ensino tradicional se destacam apenas duas etapas a tomada de posição por meio da aula expositiva e o aferimento do conhecimento por meio de uma prova. Já na Sequência Fedathi iniciasse a resolução de um problema, por intermédio de uma questão que irá nortear a discussão entre os alunos e seus pares e o professor, simplificando, os mesmos constroem juntos conceitos que somente ao fim o professor formaliza e, assim aplica a prova ou utiliza outro meio de aferição do conhecimento.

Figura 3 – Sequência Fedathi



Fonte: Autoria Própria.

Para Santos (2024) ocorre a orientação [...] um contexto que é basilar para a pesquisa de leitura em rodas de conversas ou mediações no ensino superior, pois parte do

pressuposto de que o desenvolvimento do conhecimento científico é o resultado de um trabalho colaborativo entre seus integrantes em que todos se sentem parte do processo, e sabem sua função/papel, entendendo-se como peça de um quebra-cabeça, em que cada um nesse processo de intuição e de reflexão é fundamental. (Santos, 2024, p.2).

Considerações finais

A pesquisa partiu do processo de confecção monográfica - *Trabalho de Conclusão de Curso - TCC* - no final do bacharelado em Teologia do seminário X. Nesta perspectiva, algo exitoso que é e será explorado no Seminário ocorre por meio da leitura de obras completas que se interrelacionam, pois não se forma um novelo com conteúdos desarticulados, como no caso da seleção de pequenos trechos ou capítulos de livro diversos.

A competência didática e científica deve consistir na formação do professor, desde os conhecimentos da educação infantil ao ensino superior, no que tange também à formação inicial e continuada por meio do exercício da docência e da pesquisa, as quais permitirão de estratégias e métodos diferente de um ensino tradicional, ou somente, expositivo em sua atuação.

A formação de leitores e de ciclo de leitores, e o apoio de monitores mais experientes, é fulcral para o êxito dos cursistas recém-ingressos; por isso, esta disciplina é obrigatória no primeiro semestre do curso diminuindo a evasão.

A partir do círculo ou grupos de estudo e leitura há a redução na distância entre ensino, pesquisa e extensão por meio do intercâmbio entre professores e a academia. As práticas pedagógicas desenvolvidas em grupo contribuem para o desenvolvimento profissional dos professores das redes públicas municipais e estaduais do Ceará. (Santos, 2024). O que de modo semelhante propomos que ocorra também entre os seminaristas na faculdade.

A literatura complementar presente na ementa é fundamental para quem quer se aprofundar nas temáticas vistas em sala e propor à discussão novos saberes, outros olhares e diferentes processos sobre a leitura.

Conhecer os elementos da cultura na qual estamos inseridos é um fator que favorece a nossa compreensão de mundo. Sendo assim, serve como um meio facilitador para agirmos diante das situações às quais somos expostos no cotidiano.

O objetivo da literatura é representar a existência humana, mas a humanidade inclui também o autor e o seu leitor. “Você não pode se abstrair dessa contemplação; pois

o homem é você, e os homens são o leitor. Por mais que faça, sua narrativa sempre será conversa entre você e esse leitor.” A narrativa está necessariamente inserida num diálogo do qual os homens não são apenas o objeto, mas também os protagonistas. (Todorov, 2017, p. 86).

A Sequência Fedathi se faz basilar neste processo já que é aplicada a lógica-filosófica e o pensamento matemático no ensino de Leitura, o que proporciona um modelo interdisciplinar de ensino-aprendizagem que pode ser seguido nas demais disciplinas.

Referências

- ADLER, Mortimer J; DOREN Charles Van. *Como ler livros: O guia clássico para a leitura inteligente*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- LAGE, Claudia. *Labirinto da palavra*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 5ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MOTA-ROTH, Désireé. Artigo acadêmico – metodologia, *In: MOTA-ROTH, Désireé (Org.). Redação acadêmica: princípios básicos*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2003, p.67-76.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: Prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 13ed. São Paulo: Atlas, 2023.
- SANTOS, Maria Jose Costa dos. *G-TERCOA: Uma década de formação e debate sobre a educação do Brasil*. In.: *Revista Ensino em Debate*, v.2, jan/dez, 2024. Disponível em:< <https://revistarede.ifce.edu.br/ojs/index.php/rede/article/view/13/10>> Acesso em: 14 de janeiro de 2025.
- SOUSA, Francisco Edison Eugenio de; VASCONCELOS, Francisco Hebert Lima; BORGES NETO, Hermínio et al.(Org.). *Sequência Fedathi: uma proposta para o ensino de matemática e ciências*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- STERN, David H. *Bíblia Judaica Completa*. São Paulo: Editora Vida, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 7ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2017.
- ZINSSER, William. *Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e não ficção*. São Paulo: Fósforo, 2021.